

A FRASEOLOGIA NA NEOLOGIA, NA SEMÂNTICA E NA LEXICOGRAFIA

José Pereira da Silva (UERJ)
pereira@filologia.org.br

RESUMO

As expressões idiomáticas de qualquer idioma são blocos de palavras que só devem ser interpretados semanticamente, porque, isoladamente, as palavras que as compõem perdem o seu significado básico, como se pode ver nos exemplos seguintes, que recolhemos no livro de Zavaglia, Xatara & Silva (2010): “No dia de São Nunca”, “Falar com as paredes”, “Ir ao trono”, “Comer o pão que o diabo amassou” Cortar o barato de alguém”, “Metido a besta”, “Ver passarinho verde”, “Bater um rango” etc. Para o ensino de língua portuguesa para estrangeiros, não há dúvida de que não é nada desprezível o cuidado que se deve ter com as expressões idiomáticas, como ensina Lima (2012) em seu trabalho, analisando cinco manuais destinados a esse alunado especial. Nos dicionários bilíngues, em geral, é muito importante o registro da fraseologia, pois há expressões que têm formas e significados semelhantes, mas há numerosas outras que diferem muito, como demonstra Ferrero [2013, p. 72]: “A irmã de João é uma brasa” X “Mi padre está todo el día dándome la brasa para que estudie”. Tagnin (2013, p. 99-107) apresenta exemplos similares dessas expressões em português e inglês, mas também em alemão, espanhol, francês e italiano. Não é preciso ver isto apenas em línguas diferentes, como fica demonstrado em diversos dicionários de língua portuguesa, como o *Dicionário Brasileiro de Fraseologia* (SILVA, 2013), que estamos elaborando. Em relação aos neologismos fraseológicos, aproveitaremos as contribuições de Riva (2012), em que aponta “a diferença do neologismo de unidades lexicais e a neologia dentro da fraseologia”. Apoiados em Bertrán (2012), demonstraremos que “é sobretudo na fraseologia e na paremiologia que vamos encontrar provas concretas e abundantes para investigar essa relação língua/cultura” para a elaboração de bons dicionários culturais.

Palavras-chave: Fraseologia. Neologia. Semântica. Lexicografia

1. Introdução

As expressões idiomáticas são blocos de palavras que devem ser interpretados semanticamente, porque, isoladamente, as palavras que as

compõem perdem o seu significado básico, como se pode ver nos exemplos seguintes, que recolhemos do livro *Xeretando a Linguagem em Francês*, onde Zavaglia, Xatara & Silva (2010) demonstram isto eficientemente: “No dia de São Nunca”, “Falar com as paredes”, “Ir ao trono”, “Comer o pão que o diabo amassou”, “Cortar o barato de alguém”, “Medito a besta”, “Ver passarinho verde”, “Bater um rango” etc.

Podemos, ou poderíamos tratar desse assunto durante uma semana inteira e não o esgotaríamos, com absoluta certeza, como ocorreu no ano passado, em Fortaleza, mas só cuidaremos, nesta oportunidade, de fazer uma relação mais produtiva possível da fraseologia com a neologia, com a semântica e com a lexicografia, identificando alguns pontos em que essa relação é importante nessas ciências.

Para isto, trataremos, em tópicos específicos, da fraseologia, da neologia, da semântica e da lexicografia.

2. A fraseologia

Antônio Houaiss entende fraseologia como expressões idiomáticas, sendo bastante reduzida a sua exemplificação no seu *Dicionário Eletrônico* apesar de registrar numerosas locuções e de defini-la como “frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal”, dando como sinônimo “frase feita” e exemplificando com “*Fazer uma tempestade em um copo de água*”. Também fica entendido como fraseologia o “estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua”³. (HOUAISS, 2009, s.v.)

Álvaro Alfredo Bragança Júnior escreve um longo capítulo em seu livro, na tentativa de conceituar a fraseologia (BRAGANÇA JÚNIOR, 2012, p. 11-19), informando que se denomina de “fraseologia a ciência que estuda o conjunto de frases ou locuções em uma língua, em primeiro plano, ou de um autor isolado⁴, num segundo momento”. (*Idem, ibidem*, p. 11).

³ Confira, neste caso, a versão preliminar de nosso *Dicionário Brasileiro de Fraseologia*, na página http://www.josepereira.com.br/DBF_2013.pdf.

⁴ Em relação aos estudos da fraseologia de um autor, veja-se o que escrevemos sobre “A Fraseologia nas Crônicas de Carlos Drummond de Andrade”, disponível na página <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/afraseolojanas.htm> e A Origem das Frases Feitas Usadas por Carlos Drummond de Andrade, disponível na página <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdasfrases.htm>.

No entanto, relacionando pesquisa feita nos principais dicionários da língua, demonstra que ainda não se conseguiu delimitar suas “características formais e contedísticas”, baseado em Aurélio Buarque de Holanda, José Pedro Machado e Francisco da Silveira Bueno. (Cf. BRAGANÇA JÚNIOR, 2012, p. 12-16)

Ainda segundo o Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior, são incluídos na fraseologia, ora como sinônimos, ora como uma de suas modalidades, os adágios, os aforismos, os anexins, os apotegmas, os axiomas, os brocardos, as chufas, os ditados, os ditames, os ditérios, os ditos ou dizeres, os gnomas ou gnomes, as máximas, as mofas ou motejos, as parêmias, os prolóquios, os provérbios, os refrãos ou rifãos e as sentenças, com grande dificuldade para se delimitar o sentido preciso da maioria desses termos. Além disso, podem ser incluídos ainda os fraseologismos tecnológicos (tema de interesse especial da terminologia), que surgem, se desgastam e se substituem muito rapidamente, principalmente agora, com a alta velocidade trazida pela informatização generalizada.

3. *A neologia*

Em seu livro *Neologia: Criação Lexical*, Maria Ieda Alves ensina que

Na neologia sintagmática, o significado resulta em parte dos semas característicos dos elementos integrantes do sintagma e em parte de uma convenção já aceita pela comunidade linguística: *cesta básica* constitui o “conjunto de alimentos indispensáveis para a manutenção de uma pequena família”, *produção independente* nomeia a “criança cuja mãe não depende da assistência paterna”, *condomínio fechado* implica um “conjunto de casas às quais não é permitido o acesso de estranhos”. (ALVES, 2007, p. 52)

Neste caso, fica evidente que o significado da expressão não está fundamentado no significado dos elementos que a constituem, podendo funcionar como uma nova palavra dentro do léxico do idioma.

A professora Nelly Carvalho (2009), em seu livro *Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa*, nos lembra que “O léxico de uma língua é como uma galáxia, vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais da comunidade que a fala” na classe de palavras que representa “o universo extralinguístico, nomeando as coisas, as qualidades e os processos”. (CARVALHO, 2009, p. 32)

Assim como a importação de vocábulos de uma área de conhecimento para outra pode ser utilizada para atualizar o léxico (Ex.: A pronúncia em línguas estrangeiras é meu *calcanhar de aquiles*), ou de vocábulos de um idioma para outro (Ex.: Esta CPI *vai dar em pizza*), ou ainda de importação e inclusão de estrutura morfossintática própria de outro idioma (Ex.: Participei do rolé no *shopping center*), as frases feitas constituem riquíssima possibilidade de renovar o vocabulário de uma língua.

O Prof. Huéllinton Cassiano Riva (2012) nos lembra que

ao contrário do que acontece com as lexias simples ou compostas [...], o que rege o nascimento das novas unidades fraseológicas ou lexias complexas é o processo de lexicalização, de várias lexias simples que já existem em nosso léxico, ao redor de um *culturema*, gerando novas combinações de palavras e, por fim, novos *idiomatismos*. (RIVA, 2012, p. 316)

Aproveitando a oportunidade, é importante destacar outra característica importante da fraseologia, implícita na citação acima, esclarecendo o conceito de *culturema* e a sua importância na constituição da fraseologia:

Os *culturemas* nada mais são do que símbolos extralingüísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem lexias complexas figuradas, sobretudo porque os *culturemas* mantêm a vitalidade e a figuratividade necessárias para impulsionar a criação de quase todos os novos tipos de expressões. (RIVA, 2012, p. 314)

Fecundando os neologismos fraseológicos, eles revelam a integração direta da cultura com a língua das comunidades lingüísticas e da língua com a sua cultura popular, “uma vez que são criações de fora do idioma e que induzem ao surgimento de simbologismos dentro da língua” (*Idem, ibidem*).

Ieda Maria Alves (2007), aliás, coloca em destaque o fato de que o uso de uma “unidade lexical neológica” é usada conscientemente pelo falante. Ou seja: o usuário de uma expressão fraseológica dessas tem consciência de que está promovendo uma inovação no léxico. Tanto é assim que, na modalidade escrita, essas expressões, normalmente, são marcadas de alguma forma, ou com aspas, ou com algum tipo de grifo (*italico*, **negrito**, MAIÚSCULAS etc.), para colocar em destaque o “*ineditismo*, *estranhamento*, *originalidade* de novos termos e/ou novas palavras da língua geral”. (RIVA, 2012, p. 316)

Como tem sido apontado por Ieda Maria Alves (*Op. cit.*) e por Maria Tereza Camargo Bidermam (2001), vem crescendo cada vez mais, nas últimas décadas, o surgimento de novas expressões idiomáticas, prin-

principalmente por causa da popularização do acesso à internet e do avanço geral dos meios de comunicação de massa.

4. A semântica

Aparentemente, como nos relacionou Maria Helena Duarte Marques, o termo “semântica” é simples de definir:

semântica é o estudo do significado em linguagem, semântica é a disciplina linguística que estuda o sentido dos elementos formais da língua, aí incluídos morfemas, vocábulos, locuções e sentenças (estruturas sintaticamente completas ou linguisticamente gramaticais), ou, ainda, semântica é o estudo da significação das formas linguísticas. (MARQUES, 2001, p. 15).

Mas isto não passa de uma ilusão, visto que o problema mais sério é que não há consenso em relação à definição de significado. E, neste caso, se não se consegue consenso em relação a uma definição de significado, as definições acima não resultam em nada objetivo, como parece, à primeira vista.

No capítulo seguinte, no entanto, ela conclui, que

A semântica é um dos caminhos que possibilitam à filosofia compreender como o ser humano elabora representações simbólicas do mundo, de que modo as organiza e estrutura, de acordo com princípios capazes de estabelecerem a aceitabilidade e a coerência dessas representações simbólicas, objetivas e subjetivas, de dados da realidade. (MARQUES, 2001, p. 16)

Neste caso, como a sociedade e o mundo estão em constante evolução, os significados das palavras também mudam para se adaptarem aos novos tempos, ou, não resistindo, desaparecem ou se tornam arcaicas, surgindo neologismos para os novos significados.

A Profa. Nelly Carvalho (2009), tratando dos neologismos em seu livro supracitado, chama atenção para isto, quando diz que “não só velhas formas desaparecem e surgem no correr da história da língua, como também as relações entre as formas e seus conteúdos estão em constante mudança” (CARVALHO, 2009, p. 33)

5. A lexicografia

Sabemos que os processos de criação lexical são bastante variados e produtivos. No entanto, no caso das chamadas unidades fraseológicas, que correspondem semanticamente a lexemas complexos, a formação se

faz, basicamente, por meio do que Maria Ieda Alves (2007) chama de composição sintagmática, como mostraremos a seguir.

Isto ocorre quando os membros integrantes de um segmento frasal se encontram numa relação morfossintática e semântica tão íntima que constituem uma única unidade léxica, formando um frasema, que é, segundo Álvaro Iriarte Sanromán (2011)

uma combinação de dois ou mais lexemas, cujo significante e cujo significado não podem ser construídos livre e regularmente por meio da soma regular ou união linguística dos seus componentes. Estruturas do tipo *perder a cabeça*, *baixar a cabeça*, *ser o braço direito*, *dar um passeio*, *ódio mortal* etc. são exemplos de frasemas...

Mais adiante acrescenta Iriarte Sanromán (2011) que

Uma expressão idiomática, ou frasema completo, é uma combinação de dois ou mais lexemas, cujo significante é a soma regular dos significantes dos lexemas constituintes (A + B), mas cujo significado não é a esperada união regular de A e B, mas um significado diferente ‘C’, que não inclui nem “A” nem “B”.

Maria Ieda Alves (2007, p. 50) identifica diferenças interessantes entre a formação de palavras por composição e a formação de unidades léxicas por composição sintagmática:

a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre a do determinado seguido de determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto; além disso, o item léxico composto pode obedecer a regras próprias quanto à flexão em gênero e em número. Já os membros integrantes do composto sintagmático conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem.

Nos dicionários, os lexicógrafos costumam distinguir as palavras compostas das unidades fraseológicas ou composições sintagmáticas, “ao atribuírem entradas distintas para unidades compostas e subentradas para unidades sintagmáticas” (ALVES, 2007, p. 51)

Ainda seguindo a mesma autora, pode-se identificar se uma formação sintagmática está se lexicalizando quando não admite mais a inclusão de outro elemento, como no sintagma “produção independente”, que tem um valor diferente do que tem o fragmento frasal “produção muito independente” (*Idem, ibidem*).

Outro critério, que também revela a lexicalização de um sintagma, supõe o caráter fixo de seus membros integrantes. O sintagma *produção independente* é formado pela função de *produção* e de *independente*, elementos não substituíveis.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A esses dois critérios deve-se acrescentar a frequência, ou seja, o item léxico sintagmático está se lexicalizando se, ao ser usado, mantiver a mesma apresentação formal e um significado constante. (ALVES, 2007, p. 51)

Seguindo a professora uruguaia, Magali Pedro (2012), consideramos que a organização de um dicionário de fraseologia deve atentar para os seguintes itens: a) a forma de apresentação, b) as categorias, c) as acepções, d) os complementos externos, e) as variantes, f) as equivalências, g) os exemplos, h) as marcas de uso e i) a ordenação.

A Profa. Magali Pedro apresenta as seguintes regras, transcritas de Welker (2004), como forma de apresentação das expressões idiomáticas, lembrando que quase nunca são plenamente respeitadas:

O infinitivo só pode ser usado se o verbo da expressão puder ser conjugado livremente.

Se esse verbo, no fraseologismo, existir apenas em determinado tempo, esse fato deveria ser indicado.

Se o sujeito do verbo for um lexema específico, – de modo que o verbo não pode ser conjugado no que concerne a pessoa e número – o idiomatismo não pode, evidentemente, ser registrado no infinitivo. Caso o verbo possa ser conjugado em vários tempos, tal fato deveria ser mencionado.

Expressões existentes apenas em determinada forma verbal só podem ser apresentadas nessa forma. (WELKER, 2004, p. 171, *apud* PEDRO, 2012, p. 345)

Sobre a categorização das unidades fraseológicas, o próprio Welker lembra que nem sempre é óbvio onde começa um idiomatismo, exemplificando com a expressão “(estar no) beco sem saída”, caso em que lembra que “a categoria gramatical vai depender da opção do lexicógrafo”. (WELKER, 2004, p. 168)

Se a expressão tem mais de uma acepção, cada uma delas deverá ser diferenciada das demais, em uma série numerada (1, 2, 3 etc.).

No caso de haver complementos externos, não há uma regra que possa ser indicada como melhor. Por exemplo: para a expressão “quebrar galho”, podemos ter “quebrar um galho”, “quebrar o galho”, “quebrar esse galho” etc. e pode ser registrada como “quebrar o/um/esse/ galho”. (Cf. PEDRO, 2012, p. 348)

Para as variantes, Magali Pedro (2012) sugere que:

No caso em que elementos sinônimos são permutados, como ocorre com os verbos pôr, botar, colocar, essa informação vem logo abaixo da expressão idiomática, entre // (barras) e em fonte diferente.

Quando a variação é um substantivo, vem incluída no corpo da expressão idiomática, entre parênteses. (PEDRO, 2012, p. 349)

Para dicionários bilíngues, existe a questão da equivalência, em que poderemos ter quatro grupos de expressões idiomáticas: I: equivalentes quanto à forma, aos aspectos semânticos e comunicativo-funcionais; II: com diferenças irrelevantes quanto a aspectos léxicos e sintáticos; III: que diferem quanto à forma, mas apresentam equivalência quanto a aspectos semânticos e comunicativos; e IV: [de que] não existe na língua-alvo uma expressão idiomática equivalente. Neste caso, dá-se uma definição. (Cf. PEDRO, 2012, p. 349-350)

Na maior parte dos casos, é a exemplificação que acaba de esclarecer o real significado de uma expressão idiomática.

Quanto às marcas de uso, as expressões podem ser grosseira e vulgares para algumas pessoas e não terem essas marcas para outros, principalmente porque a concepção de tabu linguístico varia bastante de região para região, de uma época para outra etc.

Quanto à ordenação, o essencial é que ela exista e que seja rigorosamente seguida em todo o dicionário, porque há várias opções, todas boas, quando são criteriosamente estabelecidas e seguidas.

6. Conclusões

Enfim, podemos garantir que há uma grande e produtiva afinidade entre a fraseologia, a neologia, a semântica e a lexicografia e que todos esses estudos estão, sempre, de algum modo, entrelaçados.

Com isto, podemos afirmar com toda segurança que o estudioso ou pesquisador de uma dessas ciências do léxico não poderá abrir mão do conhecimento, mesmo que precário, dessas outras, e que aqueles que dominam mais eficientemente o maior número dessas especialidades deverá ter maior sucesso em suas pesquisas e na sua produção científica.

Com a amplitude que se percebe do alcance da fraseologia, devemos destacar ainda as tarefas da fraseologia, apresentando o resumo do que escreveu Riva no segundo tópico de seu artigo (RIVA, 2012, p. 319-321).

Segundo o Prof. Huéllinton Cassiano Riva, cabe à fraseologia o estudo das lexias complexas: os provérbios ou parêmiás⁵, as colocações⁶, as expressões terminológicas⁷, as expressões gíricas⁸, as locuções⁹ e as unidades textuais¹⁰.

Apesar de estar muito sintético e bastante desarticulado, este trabalho pretendeu mostrar que as ciências do léxico são muito integradas entre si e que é quase impossível trabalhar com excelência em uma de suas modalidades sem o conhecimento básico das demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Ieda. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BERTRÁN, Antonio Pamies. O projeto “dicionários culturais”. In: ALVAREZ, María Lima Ortiz. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012, vol. 1, p. 345-354.

⁵ [Unidades fraseológicas] que recolhem experiências vivenciadas em grupos e as formulam como um saber universal – conotativo, sucinto e complexo – com a função de aconselhar, advertir, consolar, ensinar, persuadir, praguejar ou repreender (RIVA, 2012, p. 319)

⁶ [Unidades fraseológicas] formadas por uma base – ponto de referência – e um colocado – categoria gramatical que determina sua tipologia. (RIVA, 2012, p. 320). “Uma colocação é uma combinação lexical recorrente, não idiomática, coesa, cujos constituintes são contextualmente restritos e de ocorrência arbitrária” (TAGNIN, 1998, p. 41). Exemplos: *acreditar piamente* (colocação adverbial: verbo + advérbio) ou *fumante inveterado* (colocação adjetiva: substantivo + adjetivo).

⁷ A terminologia prefere utilizar termo complexo, sintagmático ou polilexical, ou seja, [unidades fraseológicas] metafóricas ou não, de áreas determinadas do conhecimento. (RIVA, 2012, p. 320)

⁸ [Unidades fraseológicas] metafóricas caracterizadas pela efemeridade, mais evidente quando seu surgimento tem relação com a proteção de um determinado grupo de pessoas por conta da ilegalidade de seus atos, caso de pessoas envolvidas com drogas ilegais – usuários ou traficantes – ou com o crime de forma geral – corrupção, furto, roubo, sequestro etc.). (RIVA, 2012, p. 320)

⁹ Junções de duas ou mais unidades lexicais que, embora preservem individualidade fonética e morfológica, constroem uma outra unidade significativa. (RIVA, 2012, p. 320).

¹⁰ Conjuntos de unidades fraseológicas que possuem alto grau de lexicalização e constroem unidades textuais, com baixa possibilidade de variação de seus termos constitutivos. Por exemplo, os hinos nacionais dos países ou as orações cristãs do Credo, Pai-nosso ou Ave-maria. (RIVA, 2012, p. 320-321).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina*. Vitória: DLL-UFES, 2012.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Houaiss eletrônico. Versão monousuário 1.0. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2009.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frasemas, pragmatemas*. 2001. – Dissertação (de Doutorado em Ciências da Linguagem). Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho, Braga. Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf. Acesso em: 10-07-2014.

LIMA, Lucielena Mendonça de. Uma análise de expressões idiomáticas em livros didáticos de PLE. In: ALVAREZ, María Lima Ortiz. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012, vol. 2, p. 133-145.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

PEDRO, Magali. Dicionário bilíngue de expressões idiomáticas: uma proposta. In: ALVAREZ, María Lima Ortiz. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012, vol. 2, p. 343-354.

RIVA, Huélinton Cassiano. O levantamento de neologismos fraseológicos. In: ALVAREZ, María Lima Ortiz. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012, vol. 1, p. 313-331.

SILVA, José Pereira da. *Dicionário brasileiro de fraseologia*. Disponível em: http://www.josepereira.com.br/DBF_2013.pdf.

TAGNIN, Stella E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Edição revista e ampliada. Barueri: Disal, 2013.

_____. *Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português português/inglês*. 1998. Tese (de livre-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

docência em língua inglesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZAVAGLIA, Adriana; XATARA, Claudia; SILVA, Maria Cristina Parreira. *Xeretando a linguagem em francês*. 1ª reimpr. Barueri: DISAL, 2010.